



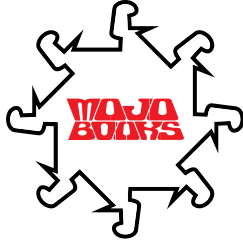
violins **GRANDES INFIÉIS** recontado por **JOSÉ FRANCO JR.**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

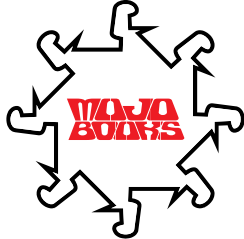
Danilo Corci
organizador



VOLUME 37

GRANDES INFIÉIS
violins

recontado por **JOSÉ FRANCO JR.**



VOLUME 37

GRANDES INFIÉIS **violins**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Agosto de 2007

*Sou uma pessoa boa de lidar, mas
problemática no meu mundo. Desde
que me conheço sou honesto, mas o meu
sintoma e a vida são desonestos comigo.*

Hamilton de Jesus Assunção,
Ser poeta é se viver

*Morro calmamente, mas não apaziguado,
não satisfeito; vencido, batido, mas não
escravo; amargo, mas não decepcionado.
Como credor e como crente mas não
como devedor e pedinte, não suplicando
nem orando. Amoroso de Deus, mas sem
dizer-lhe cegamente “Amém” a tudo
aquilo que Ele faz.*

Zvi Kolitz,
Yossel Rakover *dirige-se a Deus*

GRANDES
INFÍEIS



ATO 1

Era possível perceber algumas gotículas de sangue escorrendo pelo rosto. Mais uma vez a navalha passeava pela pele e extraía uma porção de pêlos. Em frente ao espelho, ele relembrava bons momentos. O primeiro beijo, o carinho nas mãos em plena peça de teatro, os desencontros da primeira vez e...

— Ai, caralho — ele gritou.

Mais uma vez o aço da navalha castigava sua inexperiência e outro corte marcava sua face. Certa vez, ele formulou uma teoria de que quando conseguisse fazer a barba sem se cortar teria se tornado adulto.

Ela odiava barba. Mas nos dias anteriores, em que ela não pôde estar *presente*, ele nem ligava quando os espelhos do quarto ou do banheiro denunciavam seu descumprimento do trato: ele prometeu sempre fazer a barba quando os dois fossem se encontrar.

Reservou sua melhor camisa — uma preta social de tecido fino — sua melhor calça jeans, cortou o cabelo. Não gostava de perfume, mas desta vez era por uma boa causa. Cabelo cortado



e modelado com pouco gel — sem álcool — escovou os dentes, fez bochecho com algum produto de hortelã, desligou o som e saiu. Após quase um mês, iria encontrar Mariana.

No caminho entre sua casa e o hospital — para ele um dos lugares mais tristes do mundo — ele ainda não entendia como algo desse jeito poderia ter acontecido com a *sua* Mari.

Noite de terça-feira, chovia pouco, os dois voltavam de uma unidade do SESC próxima ao metrô Barra Funda. Ele precisou dar um telefonema no orelhão mais próximo. Por poucos minutos — talvez quatro, cinco, não mais que isso —, ela ficou sozinha na calçada enquanto ele ligava para um amigo, marcando uma gravação no final de semana. Mariana ficou indefesa naquela cidade cinza, violenta e, até certo ponto, sem graça. Ele não pôde fazer nada, era o único pensamento que pairava em sua cabeça no caminho entre ele e ela.

Hospitais lhe davam calafrios, mas ele tinha que fazer isso, não apenas por ela, mas por ele também.

— Oi doutor — disse Eduardo para o doutor Luiz Eduardo.

Os dois não possuíam apenas o nome em comum, como também não gostavam daquele ambiente. Eduardo ficou sabendo que o médico que dera a notícia mais delicada da sua vida — delicada não, a pior — só resolveu estudar Medicina



depois da morte da mãe, cujo último pedido era para que ele desistisse do curso de Direito. Luiz obedeceu à mãe, ao menos desta vez.

— Oi Edu, fiquei sabendo que a Mari está muito melhor. Que bom, ela é uma boa menina — respondeu o doutor sempre de bom humor e com uma grande carga de esperança.

Apertou o elevador: sétimo andar. Enquanto Edu esperava pelo seu destino, o elevador parou no terceiro andar e uma estagiária entrou. Alta, seios fartos, cabelos longos e escuros, olhos castanhos e segurava um livro sobre *jazz* — uma das paixões de Eduardo. Os dois se olharam e sorriram antes que o serviço do elevador avisasse: “sétimo andar”. Eduardo se lembrou de uma frase de um disco que havia ganhado de Mari: “Deus eu quis ser fiel a você, mas eu tenho tantos corações”. Saiu do elevador e deu um simpático “tchau”, nada mais — aquele dia era da Mari.

Caminhou alguns passos, respirou fundo e antes que batesse na porta pra poder entrar, caiu no choro. A idéia de punição não lhe era bem-vinda. Mari era uma pessoa muito boa, fazia até serviço voluntário aos domingos de manhã. Ele, Eduardo, não havia feito nenhuma burrada recente e não seria justo lhe cobrarem algo de anos atrás, oras, a pena já havia prescrito. Por



isso, a idéia de punição deveria ser descartada para que assim pudessem, juntos, começar tudo do zero e terem uma vida. Uma nova vida.

— O que foi? Vi uma lágrima que você deixou escapar — Mari, com a voz ainda trêmula, perguntou para o namorado assim que ele adentrou o quarto 237 do Hospital Nossa Senhora da Fé.

— Nada. Estava pensando em você — ele também havia prometido, mas desta vez apenas pra si próprio, que não iria mais mentir pra ela, desta vez nenhum espelho poderia lhe denunciar.

— Ok, eu sei que não é verdade, mas tudo bem, chega de lágrimas.

Mari sempre fazia isso: quando algo não ficava claro, não importando a situação, ela, de alguma forma, saía pela tangente e mudava de assunto. Auto-defesa? Quem sabe?

Vê-la sentar na cadeira de rodas foi mais ou tão doloroso quanto da vez em que a pegou nos braços depois do impacto.

Os médicos disseram que ela voltaria a andar em duas ou três semanas, dado o trauma no crânio e o choque emocional, isso sem contar a gravidez.

— Gravidez? Que gravidez? — Eduardo explodiu ao ser o



último a saber da notícia de que sua namorada estava grávida e *ele* não sabia.

“Porra, porque ela não me contou nada? Eu sempre quis ter um filho. Nós já havíamos conversado sobre isso, havíamos até mesmo combinado os nomes: Marcelo ou Deise. Ela não queria Mariana de forma nenhuma: ‘Uma filha com o mesmo nome da mãe? Isso não pode.’”. Esse era seu argumento.

Eduardo acreditava na teoria de um amigo, de que as Marianas vão dominar o mundo, não seria nada mal pra ele ter duas ao seu lado.

Alcaldado pela mãe da namorada, ele percebeu, depois de algum tempo, que aquele não seria nem o local nem a hora exata pra discutirem um assunto tão delicado. Na conversa depois da cirurgia pela qual Mari havia passado, aquele não seria o único assunto doloroso sobre o qual teria de tratar com a namorada caso ela voltasse a andar. Dias antes, os doutores que acompanhavam o caso da paciente número 895 chegaram à conclusão de que ela talvez não voltasse a andar.

Alguns dias após a incisão e enxerto de placas de prata em sua perna, Mariana foi flagrada tentando sair do quarto. Mas alertada pelas enfermeiras, retornou ao seu leito que, por pouco, não foi de morte quando ela adentrou o hospital naquela



terça-feira chuvosa.

Os médicos foram notificados da surpreendente melhora da paciente, mas ficaram temerosos — isso não é comum, nunca foi. Nenhum paciente após tamanha cirurgia estaria tão bem quanto ela. Eduardo não acreditava em milagres, tanto ele quanto o xará doutor. Eduardo, o namorado, não acreditava em anjos.

Uma única vez viu um, mas ele sumiu instantaneamente depois de lhe vender uma caixinha de chicletes. Depois nunca mais. Por isso, às vezes, se questionava se aquele seria mesmo um anjo ou apenas um vendedor ambulante dentro do metrô. Não importava, não acreditava em anjos, em santos, em deuses, nem mesmo Nele.



ATO 2

— Mari? Mari? Você está bem? — Eduardo, apavorado e pálido, perguntava ininterruptas vezes. Perguntas não eram bem-vindas naquela hora.

— Mari? Mari? Mari? — desta vez, cada pergunta era seguida de um tapinha na face da namorada. Esta foi a única vez em que Eduardo agredira a namorada.

— Ei cara, liga pra polícia, pro resgate, chama alguém — alguém que passava apressado gritou para Eduardo.

Eduardo não viu outra saída senão pegar o celular de Mari, discar 190 e passar a informação da forma mais sucinta possível:

— Meu nome é Eduardo, minha namorada foi atropelada. Estamos na Rua Clélia 158, próximo ao SESC Pompéia. Por favor, venham logo, ela está gravemente ferida.

Desligou o celular e o jogou longe, num misto de fúria, culpa e impotência. Ele a havia deixado só na calçada e não a ajudou quando o grito de dor chegou à sua conversa no orelhão.

Isso não é verdade. Isso é apenas um pensamento que Eduardo carregava na cabeça quando a imagem da namorada



sangrando lhe retornava à mente. Ele, logo que ouviu o grito e choro de Mari, largou o orelhão e correu para socorrê-la. Normal, ele também estava em choque. Mas não adianta, ele não se perdoava.

Por sorte, o resgate demorou pouco pra chegar. Os paramédicos afastaram os poucos curiosos, que mesmo em uma noite de chuva acompanhavam a aflição do jovem que não queria perder a namorada. Maca, imobilizador e primeiros-socorros, não havia mais nada a fazer senão rezar no caminho até o hospital.

Eduardo olhou pra fora da ambulância e fitou as gotas d'água que registravam seu raro momento de fé e força. Chorou um pouco, não se conformava que aquilo iria acontecer de novo. Há dois anos, perdeu a mãe na véspera de Natal e não queria ver, novamente, uma sucessão dos mesmos eventos. Segurou a mão da namorada e apertou, sentiu o mesmo gelo de quando segurou a mãe nos braços. Olhou para os paramédicos e tentou esboçar “socorro”, mas era inútil, não havia o que fazer enquanto não chegassem ao hospital. Olhou para o fundo do veículo e viu, assim como na véspera de Natal, um vulto escuro. Com o pouco de fé que ainda lhe restava no coração, pediu para o Deus que ele não acreditava que sua namorada não fosse levada. Ainda não.



Durante dias, o mesmo vulto caminhava pelos corredores do hospital, rondava o quarto de Mari, caminhava ao lado de Eduardo na rua. Os médicos informaram que, a caminho do hospital, Mariana havia sofrido uma parada cardíaca — seria esse o momento em que o vulto chegou? — que fizera com que ela tivesse pouca oxigenação cerebral resultando no coma em que estava desde o momento que chegara ao hospital.

Eduardo velou o sono de Mariana durante dias e a cada momento em que algumas divagações furtavam seu papel de guarda do corpo da namorada, ele se punha a formular teorias punitivas para si próprio. Lembrou-se do diálogo entre Al Pacino e Keanu Reeves em *O Advogado do Diabo*, mas aquele não seria um bom momento para duvidar Dele, mesmo que as palavras proferidas pelo maior inimigo Dele fizessem todo o sentido.

Lembrou, então, que no final de *Os Imperdoáveis*, o faroeste metafísico de Clint Eastwood, há um diálogo exemplar. Diante da iminência de levar um tiro na cara, o xerife interpretado por Gene Hackman protesta: “Eu não mereço isso!”. Ao que o pistoleiro interpretado por Eastwood rebate: “Isso não tem nada a ver com merecimento”. Isso — o acidente com a namorada — não tinha nada a ver com merecimento e pronto. Talvez um dia ele tivesse a resposta, mas pra que saber antes?



Em uma das muitas madrugadas que passou ao lado da namorada, Eduardo chorou copiosamente, um misto de fúria e solidão invadiu seu coração e ele reviu sua vida. Não era um mau rapaz: estudava e trabalhava muito, o pouco tempo que sobrava doava à namorada, que agora vivia numa cama de hospital, e ao sobrinho, que muitas vezes ficava dias sem ver. Deveria trabalhar menos, dizer mais “Eu te amo!”, deixar de ser covarde com seus sentimentos e saber ouvir mais. Saber ouvir mais, principalmente isso.

A adaptação de Mariana com a cadeira de rodas foi boa, mas ela continuou surpreendendo e, em poucas semanas, já estava andando. Na primeira semana após voltar a andar, retomou as aulas de teatro. Seu maior sonho era poder encenar uma peça que escrevia com uma amiga já há alguns anos. Eduardo não gostava muito dessa escolha de Mariana, mas respeitava e entendia que ela precisava trilhar seus próprios caminhos, ainda mais agora depois de um acidente tão delicado.

Quando viu o corpo estendido no chão e o sangue a acompanhar a chuva, Eduardo ficou sem saber o que fazer. Apenas havia ouvido um grito simbolizando socorro. Um carro em alta velocidade acertou sua namorada na calçada. O corpo voou dois, três metros, por muita sorte ela não morreu, foi o que



ouviu do primeiro paramédico que chegou ao local. O motorista até hoje não foi punido, fugiu da cena do crime e as autoridades não o encontraram.

Um dia Mari, nos braços de Eduardo, puxou assunto sobre os dias que ele passou no hospital ao seu lado:

— Você é ateu, então o que você fazia lá no quarto?

— Ficava te olhando e vendo o quanto o vento do ventilador despenteava seus cabelos, tentando furtar sua beleza!

— Pára, seu bobo. Estou falando sério...

— Sério, estou falando sério. Só percebemos o quanto algumas coisas têm valor depois que as perdemos e antes que isso fique parecendo assunto de livro de auto-ajuda e nós dois fiquemos nos elogiando é melhor você aceitar meus elogios e pronto.

— Ok, mas eu fico curiosa mesmo sobre isso...

— Sabe, Mari, eu tenho um amigo que certa vez me ensinou que “Shinjim e Gambare” significa “Fé e Força” em japonês. Eu não tenho fé, você sabe disso, mas, de certa forma, quando eu quero muito uma coisa, eu tenho força pra juntar minhas qualidades e tentar conseguir o que eu quero. Naquelas noites no hospital, e você sabe o quanto eu odeio hospital, eu tive uma



conversa sincera, podemos dizer assim, com Ele, em que eu disse: “Deus, você sabe que eu nunca fui o filho que você quis”. Mas que ele não iria tirar novamente a pessoa que eu mais amo, não desta vez. Não você.

Mari deixou escapar uma lágrima e abriu um sorriso. Eduardo nunca havia visto ela chorar.

— Por isso Mari, eu vou fazer o possível e o impossível pra não vê-la longe dos meus braços até o momento em que o seu silêncio me calar e eu não puder fazer mais nada pra te convencer do contrário — Eduardo, com a voz trôpega e o olhar avermelhado, concluiu antes de dar um sorriso todo alegre.

— Enquanto isso, eu vou ficar aqui tentando decifrar os *óim* do meu amor.

Mariana nunca tocou no assunto do acidente, muito menos em culpar — culpar dê que, afinal? — Eduardo. Ela, junto com a amiga, terminaram a peça de teatro e tinham data pra estrear, faltavam apenas alguns detalhes. Eduardo nunca tocou no assunto da gravidez e nunca pediu perdão pra Mariana sobre o acidente. Também não mais tocou no assunto de querer ter um filho.



ATO FINAL

Mari diz:

<Preciso conversar com você.>

Edu diz:

<Pode ser amanhã ou tem de ser hoje?>

Mari diz:

<Pode ser amanhã, mas seria melhor hoje.>

Edu diz:

<Pode falar então...>

Mari diz:

<Posso te ligar?>

Edu diz:

<Claro, mas é tão sério assim?>

Mari diz:

<Não, mas é melhor pelo telefone...>

Segundos depois o telefone toca:

— Oi, olha eu aqui.

— Oi Mari, pode falar. Tá tudo bem com você? Você me



deixou preocupado.

— Nada não, tá tudo bem sim. É que preciso te dar uma notícia.

— Boa ou ruim?

— Nem uma nem outra, apenas uma notícia... — essa imprecisão de Mariana com relação ao bem ou ao mal não agradava Eduardo.

— Estou sentindo que não é boa coisa que vem pela frente...

— Já disse que não é nada...

— Mari, se não fosse nada sério, você teria escrito no MSN mesmo o que queria dizer...

Quando a conversa dos dois chegava a ponto de quase toda frase terminar em reticências, não era um bom sinal.

— Eu vou conversar com o mala... — “Mala” era o apelido que os dois, na verdade Eduardo, haviam colocado no ex-namorado de Mariana.

— Não falei que não era boa coisa?

— Mas não é nada sério...

— Mas você se lembra do que aconteceu da última vez que vocês conversaram, não lembra? — as frases de Eduardo não terminavam mais em reticências, o que era pior ainda.



Neste momento, um infinito segundo de silêncio invadiu a conversa e colocou ponto final nos pensamentos de Eduardo.

— Mas desta vez vai ser apenas uma conversa...

— Ok Mari, faz o que você quiser, eu estava mesmo me perguntando o que eu teria feito para merecer lhe ter nos braços se não acredito em um deus superior, mas lembrei do jogo de xadrez que Al Pacino cita naquele filme que te falei. Faz assim: vai lá conversar com ele depois a gente conversa. Ok?

— Tudo bem, pode ser assim, mas você não precisa ficar chateado...

Eduardo ainda disse “ok” antes de desligar o telefone, mas o que ele queria mesmo era dizer algo como: “Como não ficar chateado? Como assim? Desculpe, meu amor, mas você não está me entendendo. Quando eu não acreditava mais em nada: religião, passado, futuro, família, amigos, amor... Você me aparece e me salva do desfiladeiro. E agora você me vem e fala que vai sair da minha vida desta forma, dando um tchau por telefone. Porque ambos sabemos que não será apenas uma conversa entre você e o ‘mala’. Sabemos que você vai embora e eu vou ficar aqui, novamente em lágrimas, como sempre acontece com quem leva um pé-na-bunda. Que diabos você tá dizendo agora?” Eduardo queria dizer isso, mas não, ele se calou. Faltou dizer.

Você já assistiu *O Regaste do Soldado Ryan*? Eduardo se sentiu como um daqueles soldados que, ao desembarcar na Normandia, não sabiam pra onde seguir e pareciam não saber onde estavam, sabiam apenas que aquilo ali estava mais para inferno do que para qualquer outra coisa. Não adiantava querer fantasiar: era o fim. E ele desejou que o fim dos dois fosse belo como poucos são.

Eduardo se sentiu traído. Mas aquilo nada tinha a ver com merecimento. Ficou ali no sofá da sala parado, chorou um pouco. Pensou em fazer merda, mas já não era nenhum menino. Era homem lutando contra suas limitações. Homem, não menino.

Voltando para o quarto, depois de mais de meia hora, ainda viu um recado no MSN: <Não precisa ficar chateado...>. Esboçou um “foda-se” sem graça, desligou tudo arrancando da tomada e foi dormir. Não conseguiu, passou a noite em claro. O CD que havia ganhado da namorada, agora ex, lhe fez companhia a noite inteira. Ficou com raiva de Mariana, ficou com raiva do vocalista da banda, ficou com raiva do baterista, ficou com raiva do guitarrista.

A cada nova investida em qualquer que fosse o instrumento e a cada palavra do vocalista, ele pensava em explodir o mundo. Seria bem mais fácil se ele mentisse, fingisse e tornasse a ter



esperança de um retorno da ex-namorada em S.O.S. Mas não, ele havia se tornado uma ilha e todos os sinalizadores de qualquer tentativa de resgate haviam sido usados no último relacionamento. Estava só e sem saída. Teria que passar o restante da vida solitário numa ilha deserta ou nadar — Eduardo não sabia nadar — no mar de sapos. A tormenta havia sido devastadora.

Já era de manhã e ao menos trabalhar ele teria que ir, estudar já seria outro assunto. Teria que arrumar uma forma de viver sem ela. De tarde, ao chegar em casa, viu o sobrinho brincando com um quebra-cabeça gigante e se lembrou de uma frase escrita pelo mesmo vocalista da banda que o atormentava durante a madrugada: “Esse mundo, veja você, é um quebra-cabeças que montamos com olhos vendados”.

Eduardo pensou no escritor inglês Nick Hornby e adaptou suas palavras à situação atual: “Cometi um erro! Ok, um erro. Um erro em, digamos, cem oportunidades. Consegui noventa e nove por cento e ainda assim fui reprovado no teste!” Mas não houve cem oportunidades. Todos merecem uma segunda chance?

Dias depois, ele recebe uma mensagem eletrônica onde Mariana lhe convida pra assistir a peça que tem o auto-

explicativo título de *A Arte de Encenar* e já estava em cartaz. “Sejamos educados e vamos à peça”, pensou Eduardo, com o pouco de ironia que havia conseguido sugar com conta-gotas da vida.

Na data marcada, ele vestiu sua roupa pra compromissos “não muito importantes” como costumava classificar, pegou o toca-MP3 e foi para o teatro. A peça pecava por algumas falhas técnicas e o roteiro era como um queijo suíço, mas as atrizes selecionadas possuíam talento, isso ele tinha que concordar. Em um dos diálogos, ele se lembrou de uma cena que aconteceu com os dois: numa discussão de casal, a namorada joga um dos livros favoritos do namorado na cara dele e lhe quebra o nariz. Parece ficção barata, mas infelizmente não é.

Um samba toca ao fundo e alguém na produção avisa pra Eduardo que é hora dela se apresentar. Talvez Cartola estivesse certo quando compôs “*O Mundo é um Moinho*”, em seus valiosos três minutos e cinqüenta e sete segundos quando diz: “Preste atenção, Querida /De cada amor, tu herdarás só o cinismo /Quando notarás, estás à beira do abismo /Abismo que cavaste com teus pés”, mas na verdade não apenas o amor, mas a amizade e a confiança nas pessoas são grandes infiéis. Esses sentimentos sempre nos traem.



Eduardo ligou seu toca-MP3, colocou na última faixa do CD e saiu, não iria ver a sua menininha encenar mais um ato na sua frente. “Já chega de teatro”, pensou. Chega de *mis-en-scène*. Se a felicidade sempre ofende, a tristeza que ele carregava já estava cansando. A vida segue... Deveria ter ouvido um amigo que alertou: “Mário de Andrade escrevia que ‘nome que começa com *ma* tem má sina’...”

Ele já sabia que Mariana, na festa de celebração da estréia da peça, bebera um pouco demais e ficara com um de seus melhores amigos. A ironia vai nos salvar. A arte vai nos salvar — oras bolas, não é para isso que ela serve? Os amigos irão nos salvar? Amigos servem pra nos levar quando a bomba explode, não?

A leve garoa o fez acelerar o passo, chegou em casa antes do programado. A barba já estava um pouco grande e, desta vez por sua própria vontade, foi até o chuveiro, colocou um pouco de água quente numa vasilha, pôs um pouco de creme nas mãos e distribuiu na face. A navalha feita em aço retirava o excesso de pêlos e creme e deixava a pele já castigada por noites e noites de falta de sono, mais o acúmulo de trabalho, limpa feito pele de bebê.

Aumentou o volume do CD-player e apertou mais uma vez o

botão que repetia a faixa. Olhando para o espelho, sem uma gota de sangue no rosto, falou para si mesmo:

— QUE SE FODAM OS OFENDIDOS!

FIM



GRANDES
INFIÉIS

SOBRE A BANDA

Considerada uma das grandes revelações do rock nacional, Violins surgiu em Goiânia, em 2001, inicialmente com o nome Violins and Old Books. Após o lançamento do disco *Wake Up and Dream*, a banda reduziu o nome e passou a compor em português. Com fortes influências de Beatles, Beach Boys, Radiohead, Muse, entre outros, a banda consegue uma rara combinação de peso e melancolia, distorções e harmonias. O álbum *Grandes Infiéis* foi eleito Melhor Disco de Rock de 2005 no Prêmio London Burning de Música Independente. O Violins é formado por Thiago Ricco (baixo), Pierre Alcanfôr (bateria), Beto Cupertino (voz e guitarra) e Pedro Saddi (teclados).

CRÉDITOS ORIGINAIS

GRANDES INFIÉIS - VIOLINS

Lançado em 2005

Produzido por Violins

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.violins.com.br



SOBRE O AUTOR

José Franco Jr. é estudante de Comunicação Social pela Universidade Cruzeiro do Sul (SP), locutor, vídeo designer e estudante de língua inglesa. Mora em São Paulo, bebe Coca-cola com cubos de gelo em números ímpares, escreve para o site de cultura pop Poppycorn (poppycorn.com.br) e o *blog* Disparos do Front (disparosdofront.blogspot.com). Tem como trilha sonora em seu toca-MP3 jazz, rock, blues, mpb, eletrônica.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.



GRANDES
INFÍEIS

37 GRANDES INFIÉIS

VIOLINS
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. HANS
2. IL MALEDITO
3. GLÓRIA
4. ATRIZ
5. ENSAIO SOBRE POLIGAMIA
6. VENDEDOR DE RINS
7. S.O.S.
8. MATUSALÉM
9. ANGELUS
10. NADA SÉRIO
11. CONVÊNIO
12. OK OK

